

METROPOLITANA

Museu
Nacional
dos Coches

TEMPORADA
2020 | 2021

Janete Santos
Flauta

Pedro Neves
Maestro

Obras de
Edvard Grieg
Kaija Saariaho
Piotr Ilitch Tchaikovsky

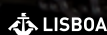
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

NAS ASAS DO SONHO

DOMINGO 20 JUNHO - 17H00 MUSEU DOS COCHES
(PICADEIRO)

Janete Santos © David Rodrigues

FUNDADORES



MECENAS
PRINCIPAL



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



NAS ASAS DO SONHO

Edvard Grieg (1843-1907)

Duas Melodias Elegíacas, Op. 34 (1881)

(duração aproximada: 8 min.)

I. *Hjertesår* (*Feridas do Coração*)

II. *Våren* (*Última Primavera*)

Kaija Saariaho (n. 1952)

L'aile du songe, Concerto para Flauta e Orquestra (2001)

(duração aproximada: 21 min.)

I. *Aérienne*

Prélude

Jardin des oiseaux

D'autre rives

II. *Terrestre*

L'oiseau dansant

Oiseau, un satellite infime de notre orbite planétaire

Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893)

Souvenir de Florence, Op. 70 (1890)

(duração aproximada: 33 min.)

I. *Allegro con spirito*

II. *Adagio cantabile*

III. *Allegretto moderato*

IV. *Allegro vivace*



Edvard Grieg em 1886 | Fonte: Wikimedia Commons

DUAS MELODIAS ELEGÍACAS

As duas peças que se juntam no Op. 34 de Edvard Grieg foram as primeiras partituras para orquestra de cordas que o músico viu publicadas. Ambas resultam da orquestração de canções para voz e piano compostas na década de 1870 sobre poemas de Aasmund Olavsson Vinje, um escritor também norueguês que falecera pouco tempo antes. Assim, nestas *Dois Melodias Elegíacas* vislumbram-se palavras que falam de sofrimento e de morte, mas com uma paz de espírito que só as alegorias da natureza alcançam. A música toma-lhes o lugar, e acrescenta-lhes coisas que sempre ficam por dizer.

Quando ouviu pela primeira vez as *Dois Melodias Elegíacas*, Claude Debussy terá dito algo parecido com o seguinte: «Quão melodiosas são as *Dois Melodias Elegíacas* para cordas... Em Grieg, tudo se prolonga, como naqueles antigos chupa-chupas que podíamos comprar nas feiras populares. [Cada andamento começa] com uma pequena frase inocente que nos acompanha ao longo de toda a peça. Pelo caminho atravessam-se acordes exuberantes por detrás dos quais esconde a sua nudez.» Esta é uma maneira bastante curiosa de descrever a música de Edvard Grieg. Mas ajusta-se na perfeição à estranha combinação de graciosidade e dramatismo que o distingue de todos os compositores que fizeram carreira nas últimas décadas do século romântico.

Trata-se, neste caso, de duas transcrições para orquestra de cordas de melodias pré-existentes, designadamente, duas das canções que havia composto sobre poemas

de Aasmund Olavsson Vinje (1818-1870) entre 1873 e 1880. Essas doze canções também foram publicadas em 1881, enquanto Op. 33, pela mesma altura das (exclusivamente instrumentais) *Dois Melodias Elegíacas*, o Op. 34. Estas últimas são particularmente expressivas. Desenvolvem-se sobre uma emotividade velada, evocativa da superação do sofrimento e da ideia de que a vida é um momento de passagem que nos conduz ao inevitável e derradeiro momento – não é por acaso que a segunda é, ainda hoje, muito frequentemente tocada em cerimónias fúnebres, na Noruega. Apesar de Grieg ter alterado ligeiramente os títulos originais dos poemas («Feridas do Coração» na vez de «Ferida»; «Última Primavera» na vez de «Primavera»), as melodias e o planeamento harmónico parecem seguir bastante de perto a estrutura dos poemas originais. Vale a pena, portanto, fazer a leitura dos mesmos.

FERIDA

Meu coração conheceu as lutas da vida
E sofreu inarráveis golpes;
Abalado, doente e tantas vezes ferido,
Manteve-se, ainda assim,
Vivo no jogo, até hoje.

Ano após ano, de rombo em rombo
Sofrido em tantos lugares,
Entrega-se a cada primavera,
Quando as folhas brotam e o gelo derrete
Quando o cuco chama do seu ramo.

E as flores continuam a despontar,
Mas cada uma tornou-se lágrima.
O mesmo acontece com a terra:
quando a chuva e o orvalho caem do céu,
as flores nascem das feridas.

A ASA DO SONHO

A compositora finlandesa Kaija Saariaho, uma das figuras mais destacadas da música europeia contemporânea, confronta-nos em muitas das suas obras com evocações poéticas explícitas. Assim acontece em *L'aile du songe*, uma obra de 2001 para flauta solo, harpa, celesta, percussões e cordas, inspirada num poema com alusões de caráter impressionista sobre a vida dos pássaros no seu habitat natural.

PRIMAVERA

Deus permitiu-me voltar a ver a primavera,
O inverno terminou;
E pude vê-la brotar de novo
As árvores em folha!

Deus permitiu-me voltar a vê-la,
O gelo e a neve
Fundem-se com estrépito e transformam-se em torrentes
No leito dos rios;

Contemplei novamente os prados
As flores da primavera,
Ouvi de novo na floresta
Canções de esperança!

Deus permitiu-me voltar a ver o sol
Aquecer o prado,
Onde as borboletas esvoaçam graciosamente
Sobre todas as pétalas!

Mas a primavera que a seu tempo desaparece
Deixa-me triste.
Voltarei a contemplar
Esses dias de encanto?

Toda a felicidade neste mundo tem o seu fim,
A minha vida teve os seus encantos.
Aqui de baixo, uma vez que tive o meu quinhão de graças,
Com que razão me lamentaria?

Em 1987 Kaija Saariaho escreveu um artigo intitulado «Timbre e Harmonia» onde enunciava alguns pressupostos do seu projeto artístico. A respeito do Timbre, destacava a importância que dava àquilo a que chamava «clareza» do som, algo que situava entre a nitidez e o ruído. De igual modo, sublinhava a importância da Textura, entendendo esta num extenso leque de categorias, desde a lisura plena à rugosidade granular, desde a consonância à dissonância tímbrica. Explanava depois sobre como concebia a Forma Musical, cuja dinâmica perseguia nas suas obras por intermédio da Harmonia, quer isto dizer, através da criteriosa combinação intervalar entre os diferentes sons que se sobrepõem em cada momento. Falava, ainda, de noções como «as tensões interiores da música», «a verticalidade do timbre» e «a horizontalidade harmónica», juntando equivalências entre a música e as artes visuais ou o cinema. Passados catorze anos compôs *L'aile du songe*, obra onde podemos ouvir colocado em prática tudo isso que então explicava.

Desta vez, deixou-se sugestionar por uma obra literária que colocou ao serviço de uma construção metafórica de belo efeito. Trata-se da coleção de poemas da autoria de Saint-John Perse, o escritor francês premiado com o Nobel da Literatura no ano de 1960. O livro, intitulado «Pássaros», acompanhava-a desde longa data. Já em 1982 havia recorrido a ele para compor *Laconisme de l'aile*, uma obra para flauta solo e eletrónica onde o solista recita algumas palavras que aí se lêem. Através delas, o voo e a vida das aves é transposto para uma imensidão de metáforas que reflete sobre a própria existência humana, repartindo-se em dois universos substancialmente contrastantes, o Ar e a Terra. No mesmo sentido, Saariaho não procurou mimetizar o canto dos pássaros, mas sim a agilidade do voo e a fluidez das correntes de ar que os sustêm. O protagonismo é confiado à expressiva versatilidade da flauta transversal, sobre texturas orquestrais que evoluem de forma cuidada ao longo da peça.

SOUVENIR DE FLORENCE

Na senda dos sextetos de cordas de Brahms (1860 e 1866) e de Dvořák (1879), Tchaikovsky dedicou a sua derradeira composição de câmara à inusual instrumentação que junta dois violinos, duas violas e dois violoncelos. É por essa razão que, quando a ouvimos hoje tocada por uma orquestra de cordas, sobressai nitidamente a independência de cada uma das seis partes. Datada de 1890, este Op. 70 deve o seu título – *Souvenir de Florence* (*Recordação de Florença*) – à melodia que predomina no segundo andamento.

Souvenir de Florence foi a última obra de câmara assinada por Piotr Ilitch Tchaikovsky, em cujo catálogo predomina sobretudo a escrita orquestral. A partitura resultou de um projeto que foi sendo adiado durante cerca de quatro anos, e que teve ainda de esperar outros dois para atingir a versão definitiva. O pretexto que motivou o músico russo a aventurar-se numa disposição instrumental que desconhecia em absoluto foi a sua nomeação como Membro Honorário da Sociedade de Música de Câmara de São Petersburgo, em outubro de 1886. Nessa ocasião assumiu o compromisso de dedicar uma obra à mesma instituição. Só no verão seguinte esboçou as primeiras notas, mas logo abandonou o projeto. No início de 1890 encontrou ânimo (e ideias) para prosseguir. Tal aconteceu num sítio improvável, em Florença, onde se havia recolhido para compor a ópera *A Dama de Espadas*. A vontade reacendeu com uma melodia que se encontra em plano de destaque no segundo andamento da obra. Por sinal, e apesar da evocação explícita do título «Recordação de Florença», esta é a

única relação entre a composição da obra e aquela cidade. Não se trata, portanto, do retrato pitoresco de um turista accidental em torno do Palazzo Vecchio.

De regresso à Rússia, e já instalado na sua casa de campo de Frolovskoe, próxima de Moscovo, Tchaikovsky retomou o trabalho para enfrentar aquela peculiar combinação de instrumentos. Em dezembro do mesmo ano, a obra foi interpretada pela primeira vez em São Petersburgo, numa audição privada que permitiu ao compositor decidir sobre as alterações que pretendia introduzir nos terceiro e quarto andamentos. A versão definitiva foi estreada dois anos mais tarde com grande sucesso junto do público. Para tal contribuiu a construção sólida do primeiro andamento, o depurado lirismo do segundo e o vigor rítmico de inspiração popular (nada italiana) dos restantes. A complexidade contrapontística da secção final honrava a distinção honorífica que lhe havia sido concedida pelos seus pares de São Petersburgo.

TEXTOS DE RUI CAMPOS LEITÃO





© David Rodrigues

JANETE SANTOS
FLAUTA

Natural do Porto, iniciou os seus estudos musicais no ambiente familiar, prosseguindo-os na Academia de Música de Castelo de Paiva e, posteriormente, no Conservatório de Música do Porto, onde terminou o curso complementar com a classificação máxima, na classe de Flauta do professor Luís Meireles. Mais tarde, ingressou na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde concluiu a licenciatura, tendo estudado com os professores Tristan Hayoz, Sandra Pina e Anabela Malarranha, na disciplina de Flauta, e com o maestro Jean-Marc Burfin, integrada na Orquestra Académica Metropolitana. Participou em masterclasses com os mais prestigiados flautistas, como Vicenz Pratz, Magdalena Martinez, Patrick Gallois, Herbert Weissberg e Rien de Reed, entre outros.

Foi laureada em diversos concursos, destacando-se o Prémio Jovens Músicos, na categoria de Flauta e Música de Câmara, Juventude Musical Portuguesa, Prémio Fórum Musical e Concurso de Interpretação do Estoril.

Integrou várias orquestras de jovens, como a Orquestra Portuguesa da Juventude, a Orquestra das Escolas Particulares, a Orquestra de Sopros dos Templários e a Orquestra Internacional de Jovens Europeus. Apresentou-se como solista com a Orquestra Académica Metropolitana e a Orquestra Clássica do Porto. Realiza frequentemente recitais, com várias formações de câmara, interpretando repertórios de vários estilos, desde a música barroca à música contemporânea. Atualmente, ocupa o lugar de Solista B na Orquestra

Metropolitana de Lisboa e, paralelamente, leciona no Conservatório de Música da Metropolitana e na Academia Nacional Superior de Orquestra.

PEDRO NEVES
MAESTRO

Pedro Neves é atualmente Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as funções de Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e posteriormente, Maestro Associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a

Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmonica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão. Colabora também com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera; respetivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que respeita à Direção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomàrico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.



ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) é pedra angular de um projeto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica. Quando se apresentou pela primeira vez em público, no Mosteiro dos Jerónimos a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluir as missões artística, pedagógica e cívica por intermédio de uma gestão otimizada de recursos e uma visão ampla e integrada de todas as vertentes do fenómeno musical. Sempre apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa, por instituições governamentais do Estado e por vários municípios do entorno geográfico, e uma vez completadas quase três décadas de atividade, o valor da aposta é hoje consensualmente reconhecido, não somente pelos resultados alcançados, mas sobretudo pela relevância que tem no atual panorama musical do país.

Constituída por 35 músicos de 10 nacionalidades diferentes, um terço dos quais formados na Academia Superior da Metropolitana (ANSO), a OML é bastante versátil. Multiplica-se com frequência em

agrupamentos de música de câmara e junta-se regularmente aos alunos para formar uma orquestra de dimensão sinfónica. Esta plasticidade tem-lhe permitido interpretar um leque de repertório que se estende do barroco à contemporaneidade, passando pela ópera e pelas grandes sinfonias românticas. Já estreou obras de grande parte dos compositores portugueses no ativo e, para lá da música que se reconhece na tradição clássica europeia, toca ainda outros estilos e tradições, tendo já partilhado palco com os Xutos e Pontapés, Carlos do Carmo, Rui Veloso, Mário Laginha, Tito Paris, Sérgio Godinho e muitos outros. Tem conseguido, deste modo, dirigir-se ao público melómano, mas também às famílias e a toda a comunidade escolar, chegar junto das pessoas através do entusiasmo que todos sentimos pela música.

Na vez de concentrar as suas atuações numa única sala de concertos, a OML tem vindo a consolidar uma implantação territorial que irradia a partir da cidade de Lisboa para os concelhos mais próximos, e mais espaçadamente para todo o continente e arquipélagos. Ao longo do seu historial também já tocou em França, Bélgica,

Espanha, Cabo Verde, Índia, Tailândia, Coreia do Sul, Japão e China. Conta mais de dois milhares de concertos efetuados em formação orquestral, 16 CD e 1 DVD gravados, para lá de muitas transmissões radiofónicas e televisivas. Tocou com alguns dos mais notáveis solistas nacionais, entre eles Maria João Pires, Sequeira Costa, António Rosado, Artur Pizarro, Pedro Burmester, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, Vasco Barbosa, Paulo Gaio Lima e Ana Bela Chaves, e também com prestigiados solistas internacionais, como Montserrat Caballé, Jose Carreras, Leon Fleisher e Natalia Gutman. Entre muitos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomarico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri (Maestro Titular em 2003/2004), Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm. As direções artísticas da OML foram sucessivamente confiadas a Miguel Graça Moura – fundador do projeto –, Jean-Marc Burfin, Álvaro Cassuto, Augustin Dumay, Cesário Costa e Pedro Amaral. Pedro Neves é, desde janeiro de 2021, Diretor Artístico e Maestro Titular.



© Marcelo Albuquerque | Metropolitana

TÍMPANOS
FERNANDO LLOPIS

PERCUSSÃO
JOÃO DUARTE ¹
MANUEL CAMPOS ¹
TOMÁS ROSA ¹

HARPA
CORAL TINOCO ¹

CELESTA
LILIANA SILVA ²

1.º S VIOLINOS
ANA PEREIRA *Concertino*
JOSÉ PEREIRA
ALEXÉI TOLPYGO
CARLOS DAMAS
DIANA TZONKOVA
ANA FILIPA SERRÃO ¹

2.º S VIOLINOS
ÁGNES SÁROSI
JOSÉ TEIXEIRA
NONNA MANICHEVA
ANZHELA AKOPYAN
DANIELA RADU
LÍGIA VAREIRO ¹

VIOLAS
JOANA CIPRIANO
FRANCISCO LOURENÇO ¹
ANDREI RATNIKOV
VALENTIN PETROV

VIOLONCELOS
CATARINA GONÇALVES
CAROLINA MATOS ¹
JIAN HONG
JOÃO MATOS ¹

CONTRABAIXOS
VLADIMIR KOUZNETSOV
ERCOLE DE CONCA
MARGARIDA FERREIRA ¹
FRANCISCO VIANA ¹

1 - Convidada/o
2 - Aluno ANSO

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Neves
DIRETOR PEDAGÓGICO Yan Mikirtumov

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



MECENAS PRINCIPAL



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2021

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa | Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente | Academia das Ciências de Lisboa

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMOS CONCERTOS

DE LONDRES A DÜSSELDORF

MÚSICA NA ACADEMIA

SEXTA 2 JULHO - 19H00 ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

DOMINGO 4 JULHO - 18H00 ACADEMIA ALMADENSE

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
IRENE LIMA VIOLONCELO
PEDRO AMARAL MAESTRO

Joseph Haydn Sinfonia N.º 95

Robert Schumann Concerto para Violoncelo, Op. 129

Joseph Haydn Sinfonia N.º 104, Londres

BILHETES À VENDA

Academia das Ciências: Preçário: 18€

Reservas/Informações: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21 / Ticketline e locais habituais

VIAGGIO IN ITALIA

MÚSICA NA ACADEMIA

SEXTA 9 JULHO - 19H00 ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

DOMINGO 11 JULHO - 18H00 ACADEMIA ALMADENSE

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
JORGE CAMACHO CLARINETE
MARTIM SOUSA TAVARES MAESTRO

Franz Schubert *Abertura ao Estilo Italiano*, D. 590

Gioachino Rossini *Introdução, Tema e Variações*, para Clarinete e Orquestra

Felix Mendelssohn Sinfonia N.º 4, Op. 90, *Italiana*

BILHETES À VENDA

Academia das Ciências: Preçário: 18€

Reservas/Informações: Ligue 1820 (24 horas) / 21 361 73 21 / Ticketline e locais habituais